

# EM CRISE A FAMÍLIA?

---

## TEMAS EM DEBATE

---

---

Julietta Nóbrega e Tessy Hantzschel, psicólogas especializadas em psicologia infantil e terapia familiar, são entrevistadas por Lia Fukui e Cristina Bruschini, e fazem uma reflexão sobre suas experiências clínicas com famílias urbanas de classe média.

---

—TESSY — Quando vocês me perguntam sobre como vai a família de classe média paulista, eu diria assim: claramente em crise, chega o casal de classe média, no meu consultório. Uns em crise declarada, rompendo vínculos, tentando testar todos os limites, outros mantendo a estrutura tradicional, mas questionando em vários graus de ousadia e de timidez: pai, mãe, filhos, em maior ou menor escala, mas todos bem atingidos. Como pais, perguntam-se como perderam e como poderão conquistar novos (antigos) apoios na comunidade, sonham em introduzir um maior número de figuras de autoridade nesses espaços, para diminuir a dependência entre eles. Perguntam-se da possibilidade de uma vida mais comunitária, pelo menos em pequenos grupos. Namoram a idéia de "kibbutz" ou indagam projetos mais modestos, como a creche, a escola de período integral, que entraria assumindo desde os cuidados maternos até todos os requintes de lazer da nossa classe média. Como homem e mulher, envolvem-se em debates apaixonados sobre amor e paixão, simetria e assimetria das relações, sexo desvinculado de afeto, liberação sexual, fidelidade, amor romântico e as constatações de vivências dolorosas e igualmente passionais do ciúmes, da perda, do vazio, da não pertinência; discutem o feminino e o masculino com o uso de argumentos teóricos em uma mão, para justificar as igualdades e na outra as necessidades angustiantes e presentes de amar e ser amado. A mulher, — brava, muito brava — querendo recuperar o tempo considerado perdido, querendo assumir uma existência não discriminada, onde a sua palavra se articula, fazendo perguntas como: "o que é eu ser mulher que não se esgota na minha dimensão de mãe e no meu espaço de casa e lar? Qual é o

homem que eu preciso para essa nova (antiga) dimensão? Será mesmo preciso o homem? Por quê não tentar viver sem ele, ter meus filhos, mas fora do seu jogo? E, longe do homem, como é que fica o meu feminismo e que raio de coisa é essa de masculino e feminino? Será que não esfacela ou se banaliza diante de argumento de uma Antropologia, ou será que não? "O homem também bravo, mais perplexo do que bravo diante dessa caçadora que entra pelo seu terreno adentro. "Como ser com essa mulher — pergunta ele — que quer ser meu igual? Vou dispensá-la? Mas como lidar com a minha necessidade de mergulhar nos seus mistérios?" São os filhos que esses homens e mulheres trazem para o meu consultório, na minha qualidade de psicóloga clínica de criança. Isto é, além de eu estar levantando estas perguntas de um pequeno grupo de classe média que me procura, também há a especificidade de se tratar, de modo geral, de homens e mulheres já comprometidos com seus papéis de pai e mãe. Se, de um lado, tentei levantar um pouco da poeira das fantasias e das indagações que estão caracterizando, de um modo geral, o grupo familiar que me procura, por outro lado eu gostaria de caracterizar as estruturas que estão vivendo essas famílias. Então acho que posso dizer assim: o maior número de casais está vivendo maritalmente; de modo geral, numa segunda opção marital ou terceira. Ambos são, em geral, profissionais e os filhos, quando pequenos ficam com babá ou avó e, menor número mas crescente, estão ficando em creches. São casais que, por ocasião do rompimento do vínculo marital, viveram um período de liberdade sexual, algumas (poucas) tentativas de relações abertas e que optaram por um segundo vínculo com contrato de exclusividade e de fidelidade entre

eles e de responsabilidade pelos filhos. Excepcionalmente, tendo sido procurada pela mulher mãe-solteira por opção, pelo homem disputando com a mulher a tutela dos filhos e por casais homossexuais que desejam ficar com filhos do primeiro casamento heterossexual. Dentre as novas procuras do consultório, tenho me surpreendido com a mulher avó, de modo geral viúva ou desquitada, na faixa dos 50 anos, que procura uma expansão profissional e, — o que é mais novo na nossa realidade — que está procurando legitimar um espaço para a sua sexualidade e para a sua afetividade. A avó com quem eu estou familiarizada é aquela que é requisitada pelos filhos para retomar a sua maternidade junto aos netos e preencher o espaço que a filha ou o filho deixam dentro de casa. Salta aos olhos, contudo, a distância que há entre as fantasias dos adultos, que galopam através de um mundo de alternativas e aquilo que de fato conseguem realizar. Os valores estão abalados, a mulher sobrecarregada com os novos papéis, o homem namorando ainda de longe o seu desejo de uma participação mais ativa no cuidado dos filhos, homens e mulheres se debatendo, se aproximando e se afastando com maior mobilidade e muita angústia numa "monogamia seriada". Então se essa família está em crise, está; eu diria que estamos, eu diria até que estou.

— CRISTINA — Tessa, o quê levaria você a achar que a família está em crise? Você diria isso a partir de um determinado modelo de família, a partir de uma família padrão?

— TESSY — Eu diria "em crise" porque certos valores que têm sido considerados como universais, estão sendo checados. Se eles não estão sendo vividos na medida da sua fantasia, eles permeiam as indagações e permeiam as relações. Eu acho que esse tipo de fantasia que eu tentei levantar põe em cheque, quer dizer, há um desejo de afrouxar os laços entre os casais; há um desejo muito claro e muito doloroso de se desvincular do amor romântico que une as pessoas através de laços de forte possessividade. A mulher, com a sua profissionalização e com sua liberdade sexual, está nitidamente, procurando criar espaços: não que ela se desresponsabilize dos filhos, mas que ela não tenha de se sobrecarregar como única responsável, que possa dividir não só com o homem mas com outras figuras, dentro da comunidade. Mas eu acho que quando há o sonho do "kibbutz", não só o sonho, mas inclusive a realidade de pequenos grupos comunitários, em São Paulo, em que há vários pais e várias mães, todos constituídos como casais com filhos, mas onde há uma troca muito maior, visando esse sentido mesmo de que a identificação não fique tão exclusiva com aquele pai, com aquela mãe. Não que eles saiam fora desse papel, mas que eles possam também dividir isso mais. Por tudo isso então, acho que ela está em crise, porque checa valores que até pouco tempo eram considerados absolutos: "a família só é assim, só pode ser assim".

— LIA — A descrição que você faz da sua clientela deixa muito nítida a imagem de que você está lidando, na verdade, com uma população, você definiu muito bem, de classe média e me parece que é uma população, no que se refere à família, de vanguarda. Ou seja eles estão experimentando formas novas.

— TESSY — Foi o que eu pensei mesmo.

— LIA — Então, na medida em que eles estão vivenciando formas novas, quer dizer, a mulher trabalha, ela tenta a creche, ela não está naquele esquema tradicional em que os papéis masculino e feminino eram bem definidos, apesar do individual ter que se ajustar a isso que era, por uma convenção social, muito grande e era imposto. Aí me ficou muito claro também alguma coisa que os sociólogos disseram: que, no Brasil, quem se modernizou foi essa classe média, só. Então eu acho que da sua fala ficou muito claro: é nessa dita classe média que ainda é possível experimentar coisas novas, que existe um espaço para experimentar coisas novas. Talvez nas formas que foram deixadas havia uma suposição de que a família era o lugar da harmonia e do equilíbrio, quando não era, e eles estão em crise porque admitem o desequilíbrio, o confronto, a troca, o questionamento do masculino e do feminino. Parece-me que é um surgimento da individualidade e esse é o novo.

— TESSY — Acho que os novos relacionamentos que vão se formando realmente tendem a uma maior humanização. Há uma procura de maior honestidade, há uma procura de maior clareza na relação. Acho que há uma preocupação de enfrentar aqueles critérios muito hipócritas do que a gente faz em cima da mesa, do que a gente faz por baixo da mesa. Estando em conflito e assumindo o conflito, criam-se condições para uma modificação. Para onde vamos, não sei, não sabemos.

— LIA — Mas aí o que eu também pensei que é vanguarda é porque admite o conflito; no passado ele existia, mas era calado, ocultado. Hoje, quem procura um terapeuta admite o conflito, admite alternativas e está procurando apoio externo. Esse já tem meio caminho andado.

— CRISTINA — O que eu fiquei me perguntando, que talvez estivesse por trás da minha cabeça quando falei em modelo, era justamente, talvez, a linha divisória entre o que seria o psíquico e o que seria o social, digamos assim. Quer dizer, fico me perguntando até que ponto essas pessoas não procuram, muitas vezes, o terapeuta que trabalha com família, no caso, mais por distanciamento, cada vez maior, entre o que seria um modelo, como você mesmo disse, talvez até universal de família e a realidade que está sendo vivida.

— TESSY — Universal você diz ou da nossa classe.

CRISTINA — Eu estou chamando de "universal", o modelo burguês, nuclear, de família. Minha curiosidade é muito ao nível do que realmente seria o conflito a nível psíquico ou em que medida não seria um desajuste entre alguma coisa que é imposta socialmente, alguma coisa que é ideológica e a necessidade de viver alguma coisa mais real, muito mais autêntica, muito mais honesta.

— CRISTINA — Nessas novas tentativas que estão aparecendo, na sua prática, como é que ficariam crianças e idosos? Você falou em algumas avós, mas eu estou falando de outros mais idosos e mesmo da criança, qual a percepção que uma criança teria nessa nova forma de família?

— JULIETA — Quando pensei em qual seria o papel do psicanalista em relação ao grupo familiar, numa época como a nossa, sem uma clareza maior de valores para os adultos frente à perspectiva de vida, seja dentro da família, seja na própria vida profissional, o que a minha experiência clínica me apontou foi o seguinte: eu recebia muitas famílias angustiadas com os problemas dos filhos, no sentido, assim, do que eles não estavam correspondendo à expectativa dos pais, em termos de uma produção escolar.

— CRISTINA — Do que eles gostariam que eles fossem.

— JULIETA — Sim. Por exemplo, quando a expectativa é que o controle de enurese, o controle de esfínter já devia ter acontecido e ainda não ocorreu. A criança que, enfim, incomoda porque gagueja, porque tem um sintoma qualquer, porque tem crises de birra terríveis, dentro de casa e coisas desse tipo. O que me parecia muito interessante era o seguinte: que o pessoal chegava situando os problemas que estava vivendo e falando dos problemas dos filhos, mas sem estabelecer uma relação entre o que a criança estava vivendo, o que eles estavam vivendo. Num outro ponto de sérios conflitos familiares tem a ver com o próprio questionamento da monogamia, da relação mais fechada do casal e tudo mais. Então os dois discutem teoricamente a possibilidade de não viverem tão voltados um para o outro e terem outras experiências. Mas daí a uma relação de vida em que possa, de fato, se situar com mais clareza o desejo pessoal, o desejo do outro, ter espaço para que a criança entre e se situe também, vai uma distância muito grande, não é? Num certo sentido, a família de classe média, como você falou, está numa posição de vanguarda, numa linha de questionamento teórico, num certo sentido.

— CRISTINA — Não falei numa família de classe média de modo geral, mas de vanguarda.

— TESSY — Na medida em que a maioria é constituída de casais em que ambos são profissionais liberais, você já vê qual a faixa.

— LIA — Eu daria muito mais ênfase à idéia de que existe, nas relações familiares, o equilíbrio e a harmonia, uma coisa que está na cabeça das pessoas e admitir, não a nível de família mas a nível de indivíduo, que a gente tem crises, que a gente cresce com as crises, que os indivíduos têm conflitos em si mesmo e que tudo isso pode ser botado para fora. Para o outro, para o terapeuta, eu acho que a partir daí é que pensam alternativas e que tudo se modifica, quer dizer, o relacionamento com o outro, mesmo que seja no padrão mais tradicional, quer dizer, briga de família a gente tem em casa mas não conta para os outros, era uma coisa que eu acho de uma geração e, talvez, para outras camadas atuais. Parece que esse grupo que eu achei que, aqui é de vanguarda é um grupo que está admitindo: as crises são fator de crescimento. o contexto familiar e a relação, o vínculo que entre eles havia. Quer dizer que isso era uma coisa muito dispersa. E a tentativa era a de delegar-se uma responsabilidade de ficar, de assumir a criança como eles delegavam, por exemplo, quando mandavam o carro para a oficina, na

hora em que estava com defeito, para que o mecânico cuidasse. Então, assim, eles se eximiam da responsabilidade da educação.

— CRISTINA — Quase que esperavam que você adequasse a criança a uma determinada norma, a de um determinado padrão.

— JULIETA — E. Na medida do possível, com uma fórmula bem mágica, rápida, que eliminasse o sintoma que a criança estava vivendo e adequasse a criança, o mais rapidamente possível, ao sistema de produção. Quando se vive em uma época na qual o que vale é a produção, a produção intelectual, a produção econômica, então a criança também faz parte, é uma das produções do casal e tem que ser também uma produção em que esteja tudo certinho.

— LIA — Eles cobram de você uma eficiência.

— TESSY — E, por tabela, estão cobrando os filhos.

— JULIETA — O que achei que seria nossa função, enquanto terapeutas, era se posicionar realmente numa atitude de convidar esses pais que chegam, essa família que nos procura a pensar junto o que estava acontecendo, sem responder diretamente ao desejo deles, que era o de eliminar rapidamente o sintoma e aliviar a angústia. Mas, pelo contrário, que eles aguentassem a angústia do que estava acontecendo e tentassem decifrar o sentido daquele sintoma. Seria a de pôr o contexto familiar, a relação familiar, como um ponto básico de análise antes de pensar numa terapia individual para a criança; primeiro limpar o terreno em relação aos conflitos de que a criança está sobrecarregada e que não lhe pertencem, para depois poder lidar com os conflitos que são próprios da idade e somente se, de fato, houver a necessidade de um trabalho específico e mais técnico para ela. Então o convite que eu fazia a eles era que nós entrássemos, tentássemos conhecer juntos a relação dinâmica que acontecia entre pais e filhos e tentássemos encontrar juntos que sentido havia para eles, que sentido de vida eles estavam tendo, como é que eles estavam podendo situar os próprios desejos, como é que eles estavam podendo situar os desejos das crianças naquele momento, ou daquela criança em especial. Então tomar o sintoma não como alguma coisa que deve ser apagada rapidamente, mas, pelo contrário, como um desafio de elucidação, um grito de alarme de alguma coisa que não vai bem.

CRISTINA — Como é esse seu trabalho exatamente?

JULIETA — Os pais vêm para uma entrevista trazendo a problemática dos filhos. Na própria elucidação do problema da criança, já se situa a relação de como eles estão vivendo e quais os conflitos maiores que eles, enquanto casal, enquanto pessoas estão vivendo. Dentro de toda essa configuração, eu procuro, junto com eles, ir vendo a coerência ou a pertinência da problemática da criança. Eles, de alguma maneira, tomam o que aconteceu como uma doença que a criança tivesse pego, como um sarampo ou uma catapora que não tivesse nada a ver com toda a configuração de todo o contexto

familiar. Aí eu os convido a pensar juntos sobre isso, se eles estão, mais abertos já para uma segunda entrevista peço para vir a criança para um trabalho conjunto. Se ainda estão muito resistentes, — porque, às vezes eles ficam muito receosos de se confrontar com a criança — aí peço que eles fiquem mais atentos na relação que vivem em casa e com as crianças e o que vem através desse próprio comportamento inquietante das crianças. Eles voltam a conversar: alguns discutem no caminho, não aceitam fazer um trabalho desse tipo; queriam uma coisa mais simples e que, de fato, alguém assumisse a criança. Mas aqueles que, de fato, assumem esse desafio, aí vêm com a criança e, elas tem algum material lúcido para ajudá-la a se comunicar. Eu falo que estou aí para ouví-los, para tentar entender como é que eles estão vivendo, o que está difícil, o que está muito bom e tal e eles começam a se comunicar entre si. Os pais muito mais presos do que as crianças; as crianças têm mais facilidade, geralmente, para se colocar.

— CRISTINA — Até que ponto não se cria uma situação um pouco artificial, um pouco tensa, que levaria a formas de ação, de comportamento estereotipadas?

— JULIETA — Não sei, minha experiência não diz isso, sabe? Acontecem situações de muita tensão inicial. Acho que a tensão maior é dos adultos mesmo, porque é uma tensão que sinto, enquanto terapeuta, e eu sinto os pais muito tentos também. Para eles é um desafio muito grande se sentir, assim, colocados em relação à criança, em pé de igualdade. Porque aí, vamos dizer, somos um grupo familiar, temos dificuldades e dificuldades, assim, expressadas, seja do vínculo entre eles, seja das crianças, seja de coisas que se mantêm ainda como segredo. Vamos dizer, está havendo uma queixa que não cabe e que tem a ver com uma crise de valores dos adultos mesmo, porque acho que especialmente os adultos estão com uma crise de valores muito grande de onde cabe por limites e onde não e que, no meu entender, tem muito a ver com as propostas de valores que os adultos estão vivendo, de um vale-tudo, entende?

— CRISTINA — Fica difícil saber os limites.

— JULIETA — Exatamente. Eles estão, assim, com uma abertura em que não sabem muito bem como se por e eles não tem muita clareza de que limites colocar para os filhos. E as crianças colocam com mais pertinência a necessidade de limites. Então é comum encontrar crianças pedindo limites claramente. Outro dia, um menino falou: "você sabe, Julieta, outro dia, um pai de um amigo meu (um menino de 6 anos) falou que ele pode fazer tudo o que ele quiser. Esse homem é louco, né, como é que o filho pode fazer tudo o que ele quiser?" "Então um bom-senso no sentido de que eles, de fato, não podem ficar à mercê dos próprios impulsos, eles têm que ter figuras que lhes ponham limites para que se situem, em relação aos próprios conflitos. É uma percepção que a criança tem. O que percebo, no trabalho de consultório, é assim: as crianças não brigam com o estilo de vida que os pais procuram, vamos dizer, e mesmo que venha uma separação e um luto e há a separação do casal e tudo mais, mas enfrentam isso se a coisa é posta tranquilamente, se

há uma comunicação efetiva. O que eles não aguentam é uma relação que não se estabelece de fato.

— LIA — Parece que essa mesma população que a Tessa falou, que é a população que vai até o consultório, é uma população que se escolarizou muito bem, e que o trabalho de vocês é traduzir essa linguagem emocional que eles não aprenderam. Claro, aprendemos até nos livros a questão dos valores antigos, aprendemos as receitas e achamos que, a criança, vamos falar e ela vai entender. E há toda uma linguagem que o psicólogo torna evidente para os pais e que eles não lêem, porque só estão habituados com a falsa, com o racional. Não é isso também? Os pais é claro que têm acesso aos meios de comunicação de massa, às novas maneiras de tratar a criança, mas a cabeça foi mais longe e o emocional ficou mais atrás. É a coisa que os pais jovens parece que estão tentando integrar.

— JULIETA — Fica muito presente essa ambivalência. Caminharam muito depressa com a cabeça, mas com muita dificuldade de se ater ao que, de fato, a comunicação está aí transmitindo, está dando para eles, da relação entre eles, da relação de cada um consigo mesmo e com as crianças.

— TESSY — A criança atualmente ainda está vivendo num nível de muita privacidade, a família.

— JULIETA — Porque mesmo, que a criança vá para a escolinha, como é costume agora, desde cedo, as pessoas que entram em contato com a criança não são figuras que marcam tanto.

— LIA — A escolinha não substitui a rua de antigamente, com vizinhos; nós conhecíamos os prós e os contras de todo mundo, as fofocas. Toda uma forma de comunicação aí que informa a criança de uma maneira mais rica do que ir para a escolinha.

— CRISTINA — A socialização era feita de uma maneira muito mais solta, muito mais difusa.

— LIA — Solta por um lado, solta na medida em que esse apoio na vizinhança era efetivo e, ao mesmo tempo, muito amarrada em certas coisas, que o certo e o errado eram definitivos. Agora você tem o contrário. É muito solta no certo e no errado e muito limitada no emocional, porque você não tem adulto para conhecer, a não ser a tia da creche, uma babá e pai e mãe.

— JULIETA — É isso. Então, no momento em que você se situa em relação a um grupo familiar que a procura, tem que ficar frente a uma questão: quem é essa criança, quem são esses pais, a que sociedade pertencem e que conflitos estão vivendo, que desejos podem expressar de si mesmos e que referências podem encontrar no outro porque, de fato, é na comunicação que podem ir elaborando toda a vivência humana.

— LIA — E na medida em que a escola não ensina os fatos da vida não há referencial para isso. Então ficam as receitas nos livros, fica o negócio na cabeça e o emocional completamente perdido. Daí a necessidade de ensinar essa linguagem que, eu acho, nos grupos pequenos se aprendia muito mais, todo mundo sabia que as famílias sempre tinham os seus

prós, os seus contras, os seus bêbados, os seus loucos. Sempre tinha gente que tinha dado mau passo, não se falava na mesa, mas todo mundo sabia. Eu acho que isso era uma parte de formação emocional que também dava alternativas, quer dizer, o certo e o errado estavam ali mas, não sei, de repente a escola cobre tudo isso e não cobre coisa nenhuma. Nesta revista há uma reportagem sobre as mulheres chefes de família, o que é muito comum em classe baixa. Acho que é um tema maravilhoso para os psicólogos o que é essa mãe chefe de família. Elas assumem, no decorrer da vida e isso é muito freqüente, a tal "monogamia sucessiva", quer dizer, a mulher tem parceiros sucessivos, mas é o centro da unidade doméstica com os filhos, e os companheiros circulam na medida em que podem prover uma parte do sustento e depois são trocados. Isso é bastante comum. Até que os filhos crescem e passam a compartilhar apenas com a mãe a unidade doméstica.

— CRISTINA — Como fica complicada a questão da identificação...

— JULIETA — Depende muito do tipo de relação que ela estabelece com os companheiros sucessivos.

— LIA — Mudaria muito aí, acho eu, do ponto de vista sociológico, não só a teoria de papéis, mas toda a dinâmica dessa unidade doméstica. Parece que o elo se faz sempre entre as mulheres.

— CRISTINA — Mas aí você está colocando como se a chefe de família só existisse na classe baixa. Embora a porcentagem realmente seja muito maior, também existem casos de mulheres chefes de família ao nível dessa classe da qual nós estamos falando aqui e que é atendida pela terapia de família.

— LIA — Mas esses modelos são conhecidos e os outros não.

— CRISTINA — Mas, mesmo assim, como é que fica a questão da criança, por exemplo, numa família em que só a figura materna é presente ou que existem companheiros masculinos que passam, assim, esporadicamente?

— JULIETA — Acho que tem muito a ver com a importância que a figura masculina tem para essa mulher, quer dizer, se ela de fato estabelece relações, vamos dizer, mais fortes com uma figura masculina, mesmo que seja por tempos pequenos. Então, independente de que ela seja a chefe, economicamente, da casa e tudo mais, a situação, para as crianças, não fica tão confusa. Acho que o problema fundamental para a criança, para ela se situar em relação aos adultos, determinando o próprio desenvolvimento é que, de fato, na vida dos adultos a pessoa emocionalmente mais importante seja um outro adulto do sexo oposto e outros adultos que tenham vida profissional e tudo mais e que a criança seja cuidada, mas não seja a figura fundamental de troca afetiva. Porque se, de fato, ela ficar o companheiro do adulto, seja o pai ou a mãe, é sobrecarga demais; ou se for uma pessoa distante demais também,

ligada só à vida profissional, mas que não dá abertura em direção à vida afetiva não dá uma referência para a criança em relação a esse desenvolvimento afetivo/emocional que ela está vivendo.

— LIA — Toda a nossa conversa de família girou em torno da criança. Sem criança a família não tem tanta importância? Onde é que fica? Como é o referencial onde só existem adultos e os velhos? Porque em torno da criança é alguma coisa que nós admitimos. As crianças cresceram e parece que acabou. Será? Ou é aquele negócio tão oculto, tão importante que nem se fala nele? Não sei. A relação do casal mesmo, não sei.

— TESSY — No momento, vocês estão interagindo aqui com duas psicólogas lidando com psicologia infantil; com enfoques diferentes, abordagens diferentes, mas é a partir da criança. Agora, essa pergunta acho importantíssima. Lembra-me exatamente que, o que me chamou a atenção foi a avó, essa avó nova que está surgindo no nosso mundo, com solicitações para a sua sexualidade e para a sua afetividade, que absolutamente não tem nada a ver com as nossas avós.

— JULIETA — A família tem uma ambição muito definida, em termos de uma realização pessoal, de uma vida profissional, de uma realização afetiva, sexual e tudo mais e então existe uma perspectiva muito egocêntrica, vamos dizer, de cada um, no sentido da realização própria. Fica difícil situar até a criança mesmo, enquanto ela exige dedicação, presença, entrega, simplesmente colo. Porque a criança tem momentos em que ela pede para o adulto ser só isto: ser um colo, ser um carinho, ser nada além disso. A pessoa idosa também quer, vamos dizer assim, um lugar de reconhecimento e nada além.

— CRISTINA — Estou o tempo todo, aqui, para voltar um pouco atrás, mas não queria interromper, é em cima do conceito de produção e de eficiência, que foi colocado algumas falas atrás e que toda hora está me voltando à cabeça. Parece-me que se falou na dificuldade de se ter um espaço para deixar fluir as emoções tranquilamente, quer dizer, a necessidade que a criança, muitas vezes, sente do colo, simplesmente do colo, como o velho sente essa necessidade também, da dificuldade que os membros da família têm, inclusive os adultos, de, simplesmente, deixar a emoção fluir, deixar o tempo passar, sentir as coisas. Acho que isso está muito ligado a certos padrões muito rígidos de eficiência. Não sei se é isso mesmo. Parece-me que a escola tem um pouco a ver com isso também.

— TESSY — As escolas e as creches pois, na medida em que cresce o número de casais que começam a usar as creches, há creches que só aceitam crianças, por exemplo, com controle esfinteriano. Então elas também estão entrando como fator à mais, uma exigência maior.

— CRISTINA — Se você colocar aí a angústia da mãe que quer sair para trabalhar e precisa da creche como apoio institucional indispensável, imagine a aflição que ela fica enquanto a criança não controla.

— JULIETA — E o próprio descontrolo da criança pode ser um pedido para ficar mais perto da mãe.

— LIA — Estou lembrando de uma coisa que a Tessa falou outro dia; "quando as escolas tentam ser inovadoras, têm a pressão das famílias no sentido de enquadrar as crianças segundo as suas expectativas, que são a de orientar para a produção". Então essa coisa é muito complicada, porque quando a instituição tenta inovar, ela tem a pressão aí dos pais, que têm certas expectativas que precisam ser eficientes e o critério de eficiência diverge. Quando os pais, por outro lado, não têm esses critérios, são obrigados também a se adequar porque as instituições também empurram. Então vira um jogo. E é nessas diferentes pressões que o indivíduo vai se situando.

— JULIETA — Mas você veja que aí existe uma dificuldade de escutar a criança. Existe, às vezes, um critério da escola e existe um critério dos pais. Mas a criança revela o que quer e o pessoal insiste em não ouvi-la.

— LIA — Principalmente porque tenho a impressão que aprendemos a enxergar segundo regras, e não estar aberto para o que acontece. Se consegue, com esforço hercúleo, chegar ao outro e ver o que está à volta, a ansiedade diminui bastante, relaxa.

— CRISTINA — Eu achava interessante, depois de tudo que foi dito, tentarmos entender, do ponto de vista da Psicologia, qual seria o significado da família.

— JULIETA — Os valores nos quais a família se ancorou, até agora, estão sendo colocados em questão, como a sociedade na qual estamos está sendo colocada em questão, em relação aos seus valores, ao seu encaminhamento e tudo mais. Mas a importância do vínculo não está posta em questão, quer dizer, os adultos estão realmente querendo buscar um vínculo mais diferenciado entre si.

— TESSY — Mais rico, mais ventilado.

— CRISTINA — O que se coloca são novas fórmulas alternativas de família. Mas, em nenhum momento, se coloca a opção de não viver um determinado tipo de vínculo.

— TESSY — Acho que isso não é a proposta mesmo.

— JULIETA — Realmente é importante não só que os adultos busquem um vínculo diferenciado, como as crianças, de fato, necessitam desse vínculo para enfrentar o seu processo de desenvolvimento, de crescimento, de elaboração dos próprios conflitos e tudo mais.

— TESSY — E esse exercício de ternura que se dá, nessas relações primeiras com a criança, se faz realmente em cima de uma continuidade, em cima de uma renúncia. Não tem por onde.

— LIA — E é esse o lado que, talvez, tenha sido menos valorizado das relações pessoais do mundo feminino e que os homens teriam muito a ganhar se aprendessem. Não é isso?

— TESSY — Muito.

— JULIETA — Acho que sim.

— LIA — Na medida em que a criança obriga a mãe a perder a disponibilidade, sabe? Ela não está mais aberta para tudo, ela passa a ter horário, ela tem que estar atenta ao outro. Esse estar atento ao outro, se é dividido com o masculino também, reformula o vínculo.

— TESSY — Acho. Reformula o vínculo e isso é que eu acho tão fascinante, também reformula a nossa noção de masculino e feminino, quer dizer, o homem encontrando o feminino nele e a mulher encontrando o masculino nela e podendo conviver com uma outra qualidade de relação.

— JULIETA — Acho que para isso há muita disponibilidade. Penso que muitas vezes acontece a crise do homem quando a mulher reivindica o poder absoluto do vínculo dela com a criança e faz o homem entrar de babá, para quebrar galhos no momento em que ela está cheia. Aí realmente ele se vê numa posição secundária e não quer saber dela, porque realmente está entrando só para quebrar galho, como uma babá entraria. Se, de fato, há uma relação de troca mais profunda entre o casal com a criança, aí sim fica de um prazer muito grande para ambos. Mas acho que não é fácil as mulheres renunciarem a esse poder da posse da criança, porque tem o lado do trabalho, mas tem o lado muito narcisista aí com a criança.

— TESSY — Tem. Mas como, ao mesmo tempo, ela está muito interessada na sua realização profissional e como ela também está interessada em competir com o homem sexualmente e ela, de fato, está saindo mais de casa e está deixando mais espaço e, de fato, o número de desquites tem aumentado consideravelmente — acho que há estatísticas aí que provam — acontece um pouco o filme "Kramer x Kramer". Quer dizer, a mulher sai à procura de coisas significativas, só que o homem entra na exclusão da mulher; acho que o objetivo último é o homem e a mulher incluídos na relação. Não o homem entrando porque a mulher está saindo e então, de repente, ele descobre a sua possibilidade.

— CRISTINA — Qual seria, talvez até para concluir, o papel da terapia de família? Como é que vocês vêem o papel do terapeuta nessa dinâmica familiar? Até que ponto o terapeuta não traz consigo, na relação com o paciente, seja ele a família, seja ele apenas a criança, não traz para essa relação os seus próprios valores?

— TESSY — Claro que, como terapeuta, estamos em briga com nossos próprios modelos e temos nossos próprios valores. Acho que a proposta, no exercício desta função, é realmente a de privilegiar o espaço do outro; é a de acompanhar o desejo do outro e não o seu próprio. Esta é uma proposta que nós tendemos a atender o mais rente possível e não ficar emitindo, nessa relação, o juízo, valores pessoais.